Disputa apertada no voto a voto

Últimas pesquisas antes do 2º turno mostram empate técnico entre Flávio e Lula

» ARMANDO HOLANDA
» PEDRO JOSÉ BORGES

Ed Alves CB/DA Press

A eleição presidencial chega ao seu momento decisivo sem que as pesquisas de intenção de voto indiquem um favorito estatisticamente definido. Na véspera do segundo turno, levantamentos divulgados ontem mostram o senador Flávio Bolsonaro (PL) numericamente à frente do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), candidato à reeleição. As diferenças, contudo, permanecem dentro das margens de erro dos principais institutos, mantendo a disputa em empate técnico e deixando para as urnas a palavra final sobre quem comandará o Palácio do Planalto pelos próximos quatro anos.

Os levantamentos Datafolha e Quaest apresentam resultados idênticos: Flávio aparece com 51% dos votos válidos, contra 49% de Lula. A pesquisa Datafolha ouviu 4.050 eleitores e está registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) sob o número BR-09540/2026. Já a Quaest entrevistou 3.702 pessoas, com registro BR-09158/2026. Ambas têm margem de erro de dois pontos percentuais. O resultado reforça a percepção de uma corrida presidencial apertada, na qual pequenas oscilações no comportamento do eleitorado podem ser determinantes.

A AtlasIntel/Bloomberg também aponta vantagem numérica do candidato do PL, com 50,8% dos votos válidos, ante 49,2% do petista. O levantamento, registrado sob o número BR-06380/2026, tem margem de erro de um ponto percentual. Na mesma direção, a pesquisa BTG Pactual/Nexus apresenta Flávio com 50,5% e Lula com 49,5%. A diferença de um ponto percentual representa uma oscilação discreta em relação ao levantamento anterior, divulgado em 19 de outubro, quando o placar era de 50,3% a 49,7%. A sondagem mais recente ouviu 2 mil eleitores entre sexta-feira (23) e sábado (24), com margem de erro de 2,2 pontos percentuais e registro BR-08234/2026.

Na CNT/MDA, o cenário é semelhante. Flávio registra 50,7% dos votos válidos, enquanto Lula soma 49,3%. O levantamento, encomendado pela Confederação Nacional do Transporte, entrevistou 2.032 eleitores entre os dias 21 e 23 de outubro, com margem de erro de 2,2 pontos percentuais. A pesquisa está registrada no TSE sob o número BR-02136/2026. Já o Instituto França apresenta uma distância um pouco maior entre os adversários: 51,4% para o senador e 48,6% para o presidente. A sondagem ouviu 1.537 pessoas e foi registrada sob o número BR-04863/2026.

Segundo pesquisa da Palver, o senador do PL lidera a corrida numericamente, com 50% das intenções de votos, enquanto o petista tem 49%. Pela margem de erro, ambos estão empatados. O instituto ouviu 1.943 eleitores entre 22 e 24 de outubro, com margem de erro de 2,2 pontos percentuais. A pesquisa foi registrada no sistema do TSE pelo código BR-01794/2026.

Embora a maior parte dos institutos apresente Flávio numericamente à frente, o conjunto das pesquisas não permite antecipar o resultado das urnas. Levantamentos anteriores, como o da Vox Brasil, registraram vantagem de Lula, evidenciando diferenças entre as metodologias e os públicos entrevistados. No primeiro turno, o bolsonarista recebeu 47,03% dos votos válidos, contra 45,16% do petista. A proximidade entre os candidatos mantém as duas campanhas diante de um desafio comum: assegurar o comparecimento de seus apoiadores e conquistar quem ainda não consolidou uma escolha.

Vantagem numérica do senador

- Datafolha — Flávio 51% x 49% Lula
- Quaest — Flávio 51% x 49% Lula
- AtlasIntel/Bloomberg — Flávio 50,8% x 49,2% Lula
- BTG Pactual/Nexus — Flávio 50,5% x 49,5% Lula
- CNT/MDA — Flávio 50,7% x 49,3% Lula
- Instituto França — Flávio 51,4% x 48,6% Lula
- Palver — Flávio 50% x 49% Lula

O peso das abstenções

Mais do que convencer os indecisos, a reta final da disputa colocou a abstenção no centro dos cálculos eleitorais. Com diferenças reduzidas nas pesquisas, a capacidade de levar os eleitores às seções de votação pode interferir diretamente no resultado. Na BTG/Nexus, por exemplo, uma simulação considerando o comportamento dos eleitores classificados como prováveis votantes apresenta Flávio com 52,4% dos votos válidos, contra 47,6% de Lula. O cenário considera uma abstenção estimada de 21%, mas não representa uma previsão do resultado eleitoral.

O desafio é especialmente relevante em uma eleição marcada pela polarização política e pela elevada rejeição aos dois candidatos. Na pesquisa Palver, o petista é rejeitado por 49% dos entrevistados, enquanto o bolsonarista registra 47%. Os números indicam que a escolha de parte do eleitorado também passa pela resistência ao adversário, componente que pode influenciar tanto a decisão de voto quanto o comparecimento às urnas.

A divisão do eleitorado também aparece nos recortes demográficos e regionais. Segundo o Instituto França, Flávio apresenta maior intenção de voto entre os homens, com 53,3%, enquanto Lula lidera entre as mulheres, com 54%. O presidente mantém vantagem entre os eleitores de menor renda e escolaridade, ao passo que o senador registra desempenho superior entre aqueles com ensino superior e renda intermediária. Regionalmente, o petista aparece à frente no Nordeste e no Norte, enquanto o adversário tem vantagem numérica no Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

O cenário impõe às campanhas uma última tarefa: transformar intenção de voto em participação efetiva. Para Lula, o desafio passa pela mobilização de sua base eleitoral e pela redução das perdas em regiões onde o adversário apresenta maior desempenho. Flávio, por sua vez, precisa assegurar que a vantagem numérica registrada nos levantamentos se traduza em votos suficientes para superar o presidente. Em ambos os casos, a disputa exige atenção aos eleitores menos mobilizados e à possibilidade de mudanças de última hora. (**AH e JPB**)

CORREIO BRAZILIENSE

Podcast do CORREIO

**O fato você já viu.
O contexto e a análise
estão no Podcast do Correio.**

Jornalistas do Correio, frente a frente com convidados, trazem entrevistas sobre os assuntos do seu dia a dia, com a credibilidade que você conhece.

EPISÓDIOS ESPECIAIS ELEIÇÕES 2026

Aponte a câmera e acompanhe
episódios diários no canal do
YouTube **@correio.braziliense**
e principais plataformas de áudio

CORREIO BRAZILIENSE

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo

luizazedo.df@dabr.com.br

Lula ou Flávio, a sorte, as virtudes e o papel do indivíduo na história

"Aquele que menos se apoiou na sorte reteve o poder mais seguramente." A advertência de Nicolau Maquiavel, no capítulo VI de *O príncipe* (Hemus), merece reflexão neste domingo. Conquistar o governo e saber governar são capacidades distintas. As circunstâncias podem abrir as portas do poder a quem não construiu os meios para exercê-lo. A virtù permite aproveitar a fortuna e enfrentar suas consequências. Essa correlação ajuda a compreender a disputa entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que busca a reeleição, e o senador Flávio Bolsonaro, que aspira à Presidência.

Para o pensador florentino, virtù não significa bondade, pureza de intenções ou obediência à moral religiosa, mas capacidade política, ou seja, discernimento, coragem, flexibilidade e competência para agir diante das circunstâncias. Já a fortuna são essas contingências, abrange acontecimentos que escapam à vontade do governante. Nenhum dirigente controla integralmente o destino, mas é possível se preparar para as tempestades e aproveitar os ventos favoráveis.

Diante dessa lição de Maquiavel, qual é o papel do indivíduo na história? Atribuir tudo aos grandes personagens subestima os movimentos sociais que os embalam. Submetê-los integralmente a forças impessoais também falseia a compreensão dos acontecimentos. Entre o carisma do líder e o peso das estruturas há o espaço da ação política, no qual decisões individuais podem ampliar possibilidades, desperdiçar oportunidades ou precipitar os desastres.

Karl Marx mostrou essa tensão no passagem de *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (Boitempo), a maior reportagem política já escrita, que relata a segunda restauração da monarquia após a Revolução Francesa: "Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado".

Essa frase ilumina as trajetórias de Lula e Flávio quanto aos limites da vontade. Os candidatos são expressão de interesses, expectativas e conflitos, mas suas escolhas diante das contradições do processo político decidem o destino de todos nós. Lula cumpriu esse papel com notável destaque. Sua trajetória reúne experiências vividas da transição social do Brasil rural para o urbano: a migração nordestina, o trabalho industrial, o sindicalismo, a resistência à ditadura e a organização partidária dos trabalhadores.

Sua liderança nasceu das greves do ABC, ganhou expressão nacional com a fundação do PT e alcançou a Presidência depois de três derrotas eleitorais. Não é fruto de um golpe de sorte, muito pelo contrário. Essa resiliência não o torna infalível ou dispensa o julgamento de seus governos. Sua habilidade de conciliação produziu acomodações e suas alianças agora cobram o preço de concessões e contradições. A biografia excepcional não responde automaticamente aos problemas do presente. A experiência pode produzir prudência, mas também alimentar a confiança excessiva em soluções que podem já não dar certo.

Quando os tempos mudam

A presença de Lula no poder não pode ser explicada como um acidente eleitoral. O presidente que busca o quarto mandato ajudou a organizar as forças que o projetaram e promoveu o reconhecimento, a participação e a inclusão dos mais pobres. Sua genialidade política foi transformar experiência pessoal em identificação coletiva. Lula ganhou dimensão histórica porque soube representar milhões de pessoas que procuravam um lugar nas decisões nacionais.

Entretanto, como já dizia Maquiavel, a maior virtude do governante é perceber quando os tempos mudam e não subestimar os adversários.

Flávio Bolsonaro ocupa posição distinta. Tem carreira parlamentar, foi deputado estadual e chegou ao Senado; mostrou ser incorreto tratá-lo como estreante. Entretanto, sua projeção nacional está inseparavelmente ligada ao patrimônio político do pai. Não apresenta trajetória equivalente de organização social, construção partidária ou direção do Executivo. A diferença em relação a Lula ultrapassa a idade: envolve a origem e a autonomia da liderança.

É nesse sentido que a imagem do príncipe aventureiro de Maquiavel se ajusta à candidatura de Flávio. O filho do ex-presidente Bolsonaro pode alcançar o poder beneficiado por circunstâncias que não criou: o desgaste do adversário, a rejeição ao PT e a disponibilidade de uma identidade política herdada. A fortuna, aqui, tem sobrenome, base eleitoral e estruturas de mobilização. O risco começa, porém, quando essa herança é apresentada como capacidade para governar e resgata uma experiencia deletéria quanto ao seu humanismo.

Todo aventureirismo é perigoso quando a ambição é maior do que a responsabilidade democrática. O príncipe sem limites é aquele que considera legítimo remover qualquer obstáculo à própria vontade. Na República, o Congresso e a Justiça, as demais instituições democráticas, a sociedade civil, a imprensa e a oposição têm funções que transcendem ao resultado eleitoral, principalmente nos momentos de crise. A vitória concede um mandato temporário subordinado à Constituição. Não entrega ao vencedor a propriedade do Estado. E o voto secreto, direto e universal, na urna eletrônica, garante que cada brasileiro faça sua escolha livremente e o resultado do pleito seja inequívoco.

Alea jacta est!

Alea jacta est!